

# TRADUÇÃO



# MODOS DE CONHECER A DEUS: A TEOLOGIA SIMBÓLICA DO AREOPAGITA E SEUS PRESSUPOSTOS OBJETIVOS<sup>1</sup>

Edith Stein

Traduzido por Enio Paulo Giachini<sup>2</sup>

## I CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

### 1 AREOPAGÍTICA

Podemos divisar três grandes correntes espirituais como forças predominantemente impulsionadoras que moldaram o pensamento ocidental da Idade Média e, mediadas por ele, continuam a atuar como um legado vivo em nossa época. Pressupõem-se como base para isso a revelação das Sagradas Escrituras. Estas correntes são alguns dos inúmeros meios de apreender precisamente este conteúdo, dele se apropriar interiormente, de “conformar” a palavra de Deus nos frutos da obra espiritual humana e, assim, obter um todo vivo da sabedoria divina e humana. Os efeitos dessas três correntes podem ser vistos claramente na vida de Tomás de Aquino, e talvez essa tenha sido a via mais influente sobre as épocas posteriores: refiro-me ao pensamento grego, a saber, o aristotélico, a obra de Santo Agostinho e o legado do “Areopagita”. Quando mencionamos esses nomes, fica claro de cara que não estamos lidando com correntes estritamente separadas: Agostinho e Dionísio por sua vez – cada um a seu modo – tiveram sua formação a partir do pensamento grego; neles já se deu aquela grande luta, que alguns séculos mais tarde, com a ajuda deles, será novamente travada. Por isso mesmo, sua influência é essencialmente diferente daquela dos filósofos gregos.

---

<sup>1</sup> Texto extraído de STEIN, E. **Wege der Gotteserkenntnis**: Studie zu Dionysius Areopagita und übersetztunt seiner Werke. 2014. Disponível em: <[https://archiv-edith-stein.karmelitinnen-koeln.de/wp-content/uploads/2014/10/17\\_EdithSteinGesamtausgabe\\_WegeDerGotteserkenntnis.pdf](https://archiv-edith-stein.karmelitinnen-koeln.de/wp-content/uploads/2014/10/17_EdithSteinGesamtausgabe_WegeDerGotteserkenntnis.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2021.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: enio.giachini@gmail.com

O fato de o “Areopagita” com sua influência ser colocados ao lado de Aristóteles e Agostinho pode parecer surpreendente para alguns, mas não deve ser exagerado. Hoje, o conhecimento fontal de seus pensamentos não parece ir além de um círculo de estudiosos especializados e alguns “amantes” isolados. Mas sua influência ultrapassa o saber de que ele seria considerado uma liderança de referência ao qual se recorre quando das lutas espirituais decisiva para a ortodoxia da doutrina da fé, visto que ele havia ocupado um lugar predominante no pensamento ocidental do século IX ao XVI, e que já era reconhecido como autoridade desde o século VI dentro da Igreja. Nos escritos das últimas décadas que tratam dele, defrontamo-nos sempre de novo com a observação de que ele deve essa influência decisiva principalmente ao seu nome. Até agora eu o chamei de “Areopagita”. Este é informação que traz confusão. Seus escritos apareceram sob o nome de “Dionísio” no final do século V (ou seja, temos evidências desse fato desde aquela época e nenhuma das épocas anteriores). Ele mesmo não se autodenominava Areopagita. Mas visto que ele chamou o apóstolo Paulo de seu mestre e dedicou suas obras a um tal “presbítero Timóteo”; como nalgumas passagens ele fala como uma testemunha ocular de eventos que desde os tempos antigos foram entendidos como o escurecimento do sol quando da morte de Cristo e da morte da Mãe de Deus; Visto que, além disso, suas cartas são todas endereçadas a pessoas com nomes dos tempos apostólicos, chegou-se à conclusão de que não foi outro Dionísio senão o Areopagita cuja conversão está registrada nos Atos dos Apóstolos.

As dúvidas iniciais sobre essa origem gradualmente foram desaparecendo e só voltaram a se manifestar na época do humanismo. Investigações decisivas sobre o ambiente espiritual, que podem ser deduzidas da peculiaridade da “Areopagítica”, algumas décadas atrás à conclusão quase unânime de que esses escritos não podem datar dos tempos apostólicos. A maioria dos especialistas hoje considera que sua origem se deu no o final do século V. Desde então, tornou-se costume chamar o autor de “Pseudo-Dionysius Areopagita”. Mantenho o uso das aspas para indicar que não considero o autor da Areopagítica como o Discípulo de Paulo do Areópago. Se de agora em diante eu simplesmente

disser Dionísio ou o Areopagita, provavelmente não terei mais que temer mal-entendidos. Não quero fazer suposições sobre quem esse nome revela ou quem estaria oculto sob ele. E enquanto não se sabe precisamente quem é o autor, não será possível determinar com certeza a intenção por que adotou o nome de Areopagita.

A desilusão dos que foram desapontados após o “desmascaramento” acabou gerando raiva e indignação com “engano”. Chegou-se a pedir para eliminar de vez sua influência o mais rápida e completamente possível. Por outro lado, ao se encontrar com esse estranho, quem tem uma postura imparcial se sentirá imediatamente cativado por um espírito superior: contra sua vontade, seus críticos malévolos farão o papel de promotores do autor assim que derem a palavra a ele. Repetidas vezes, a resposta de João Citópolis (6. Frente à acusação de “Pseudoepigrafia”, apela-se sempre de novo para a seguinte observação de Johannes Skythopolis (século VI): Qualquer pessoa que atribui essas obras a um escritor de um período posterior deve ser considerado um desesperado se ele afirma falsamente tais coisas (e logo apresenta a lista de passagens que coloca o autor estreitamente ligado e como contemporâneo dos apóstolos) – algo assim seria absurdo e repreensível mesmo para uma pessoa muito comum, quanto mais para alguém marcado pelo caráter e pelo conhecimento! Não é possível discutir aqui como é possível atribuir escritos a um período posterior sem jogar lançar pedras ao autor.

O “corpus Dionysiacum” está diante de nós como um fato indiscutível: quatro escritos maiores e dez cartas (só o Ocidente tem 23 manuscritos gregos e 32 latinos). E vemos de uma forma extraordinariamente clara a entrada desse corpus na vida intelectual medieval e sua influência. Se não passa de lenda o fato de o Areopagita ter sido o primeiro bispo de Paris e ter sido sepultado em Saint-Denis, é um fato histórico que a Areopagita iniciou sua marcha triunfal no Ocidente latino a partir da Abadia de Saint-Denis. Nossa intenção aqui não é pesquisar o efeito desses escritos em seu curso histórico, mas se deve expor uma parcela de seu peculiar universo de pensamento, que lança certa luz sobre seu significado objetivo, e quiçá, de um ponto de vista que é tão importante para o filósofo quanto o é para o teólogo.

## 2 A ORDEM AREOPAGÍTICA DO SER E DO CONHECIMENTO

Trata-se de abordar tema central que permeia tudo o que chegou até nós de Dionísio. Albertus Magnus expressou isso em uma palavra curta do pregador no prólogo de seu comentário sobre Dionísio: *Ad locum, unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluant*. Isso deve ser entendido como uma ordem de ser: todo os entes provêm de Deus como o primeiro e retornam para ele. O “*iterum fluere*” após a unificação não significa uma separação, mas uma inclinação para o que é inferior para também conduzi-lo para cima. Isso inclui outra lei básica da visão dionisíaca do mundo: a ordem dos níveis, que ele chama de hierarquia. Ele mesmo o definiu como “*toda a ordem das coisas sagradas existentes*”. Sua tarefa é reconduzir o que foi criado ao Criador.

Enquanto uma lei de promanar e retornar, à qual está incorporado, a ordem não é apenas uma ordem de ser, mas também uma ordem de saber. Da luz inacessível, que por causa de seu brilho excessivamente claro oculta os seres primordiais às criaturas, provêm um raio, que eles conseguem apreender, os primeiros seres a ele mais próximos, os espíritos puros mais elevados, os ilumina, é refratado em múltiplas iluminações e transmitido às ordens inferiores até as criaturas mais baixas que ainda são capazes de iluminação. Em certo sentido, isso é tudo o que existe. Pois mesmo que nem todas as coisas possam receber a iluminação divina, de tal maneira que através dela — como os espíritos criados, anjos e homens — se tornem possíveis o conhecimento de Deus e o livre esforço em direção a ele, mesmo assim também as criaturas inferiores, as irracionais e as não-viventes servem de instrumentos e símbolos do ser e da atuação espiritual e divina. Nesse sentido, eles pertencem à ordem hierárquica do ser e do conhecimento e constam nos escritos areopagíticos da hierarquia celestial e eclesiástica. Mas os portadores da atuação hierárquica, os mensageiros de Deus, encarregados de levar a luz celestial para perpassar a criação, são apenas os espíritos celestiais e as instâncias consagradas da igreja.

### 3 AS ETAPAS DA “TEOLOGIA”

A partir do amplo contexto que buscavam sugerir as palavras introdutórias, temos que destacar agora um elemento presente nos escritos areopagíticos que fala do conhecimento de Deus — Dionísio está basicamente preocupado apenas com esse conhecimento. Ele mesmo expôs uma breve panorâmica disso em sua obra de Teologia Mística — um “opusculum” em termos de tamanho, visto que se compõe apenas de algumas páginas, mas principalmente por causa de seu conteúdo e seu efeito inconfundível. É principalmente a essa obra que ele deve sua alcunha de “Pai da mística”. Não se deve representar o opúsculo como um “tratado sobre mística” ou uma “teoria da mística” no sentido atual. Para afastar este mal-entendido desde o início, deve ficar claro o que o Areopagita entende por teologia: nenhuma ciência, nenhuma doutrina sistemática de Deus. Os pesquisadores de Dionísio enfatizam que por “teologia” ele quer dizer as Sagradas Escrituras — “Palavra de Deus” — e por teólogos, seus autores, os escritores sagrados.

Isso é bem verdade — já ao folhear a areopagítica pode-se convencer-se de que estas expressões são, na sua maioria, utilizadas com este significado. Mas isso não parece exaurir seu sentido. E é precisamente o nome de teologia mística que aponta para o que é importante, porque com isso — como logo se verá — não se está indicando um discurso sobre Deus. Quando Dionísio nomeia Daniel, Ezequiel ou mesmo o apóstolo Pedro como teólogos, ele não quer dizer apenas e nem primordialmente, como acredito, que eles são os autores dos livros ou cartas que levam seus nomes, mas que (de acordo com nosso uso linguístico) eles são inspirados: Eles falam de Deus porque são tomados por Deus ou que Deus fala através deles. Nesse sentido, os anjos também são teólogos e o maior de todos os teólogos é Cristo, a palavra viva de Deus. Sim, em última instância, seremos levados a chamar Deus de “teólogo primordial”. As várias “teologias”, que na Escritura se distinguem da teologia mística, não são, portanto, “disciplinas” ou ramos, mas diferentes maneiras de falar de Deus e — expressas nelas — diferentes vias ou maneiras de conhecer a Deus (ou de não-conhecer); a própria teologia mística representa ali o nível mais elevado.

O nome Teologia Mística pode ser melhor traduzido como “Revelação Secreta”. Deus só é conhecido na medida em que se revela; e os espíritos a quem Ele se revela retransmitem a revelação. Conhecer e anunciar têm uma pertença mútua. Mas quanto mais elevado for o conhecimento, tanto mais obscuro e misterioso, e tanto menos passível de ser posto em palavras. A ascensão a Deus é uma ascensão para dentro das trevas e do silêncio. Ao pé da montanha ainda é possível se expressar de forma mais prolixa. Foi o que fez o próprio Dionísio nos escritos dedicados à teologia positiva, isto é, nos tratados dedicados às principais verdades da fé ensinadas a nós nas Sagradas Escrituras: especialmente com a doutrina da Trindade e da Encarnação, que ele elaborou nas Diretrizes teológicas fundamentais; depois, com o sentido dos Nomes divinos, que são tirados do caráter espiritual — a ele se dedica o escrito dos Nomes divinos, enquanto que a Teologia simbólica analisa as designações das coisas sensíveis que são atribuídas o divino. (Uma outra obra com esse nome também se perdeu, como se deu com a obra Diretrizes teológicas fundamentais, acima mencionada). No segundo capítulo de Os nomes divinos, o Areopagita fala dos mistérios da Trindade e da Encarnação para distinguir a teologia da diferença da teologia da unidade; o primeiro aborda o que é próprio das pessoas separadamente, último aborda o que pertence à divindade como um todo; nos capítulos II e XV da Hierarquia celeste assim como na IX carta (a Tito) têm-se então explicações contextuais, no sentido aqui exposto da teologia simbólica; Capítulo da Hierarquia Celestial, bem como no IX. Apresenta-se um exemplo concreto no *De divinis nominibus*, cap. IX, § 5. IX, § 5.

Este tipo de consideração — que parte do mundo conhecido dos sentidos — é o mais baixo e ali pode ser muito amplo. Dionísio descreve isso como uma espécie de relaxamento do espírito quando, na hierarquia celestial, ele descende da visão puramente espiritual «para a vastidão das múltiplas e diferentes formas (os anjos)». Quanto mais simples for o objeto — e quanto mais simples, mais espiritual — tanto mais ele pode ser abarcado com um só olhar: com um olhar espiritual, em que o espírito deve se concentrar com mais força do que quando olha para o mundo dos sentidos, e assim melhor pode ser expresso com breves palavras. É por isso

que se torna possível uma abordagem mais breve nas Diretrizes teológica fundamentais e nos Nomes Divinos do que na Teologia Simbólica. Mas na Teologia mística, “quando mergulharmos nas trevas acima de toda compreensão, nos deparamos não só com a carência de palavras, mas com uma total ausência de palavras e de compreensão”. A via para lá é o processo de negação: a aproximação a Deus através da negação do que Ele não é. É uma ascensão também no sentido de que começa com o mais baixo.

Na teologia positiva, tinha-se que proceder de modo inverso. Para se constatar alguma coisa do que está fundamentalmente acima de toda definição, foi preciso começar com o que lhe era mais aparentado. Pois Ele é vida e bondade numa medida mais elevada do que o ar ou a pedra. Por outro lado, a negação deve partir daquilo que está mais distante dele: é mais verdadeiro dizer que ele não está bêbado ou não está zangado do que dizer que não tem nome e não é conhecido. Assim, a teologia negativa sobe pela escada das criaturas a fim de determinar em cada nível que o Criador não pode ser encontrado ali. Ela avança examinando todos os nomes que a teologia positiva lhe deu, e tem de afirmar sobretudo que seu sentido não alcança e não corresponde ao que está elevado acima de todo e qualquer sentido. Por fim, deve acabar suspendo a si mesma, visto que a negação O atinge tão pouco quanto a afirmação. “E quando afirmamos ou negamos algo do que vem depois dele, não o afirmamos nem o negamos; pois Ele está acima de toda definição como a causa única e perfeita de todas as coisas e acima de toda negação como sendo a superioridade daquilo que é simplesmente absoluto, acima de tudo e além de tudo. “

Assim, tendo completado a ascensão, a teologia positiva e a negativa abrem espaço par a teologia mística, que entra em união com o inexprimível em completo silêncio. Eles próprios representam as etapas que conduzem ao cume, e quiçá inicialmente como duas vias diferentes de definir o Criador a partir da criatura. Sua oposição não é excludente. Eles se complementam em todos os níveis. A teologia positiva assenta-se na correspondência ontológica entre criador e criatura – a “analogia entis”, como disse Tomás baseado em Aristóteles; a negativa assenta-se nisso

que, além da “similitudo” há uma “maior dissimilitudo”, como gostava de enfatizar Tomás. Eles convergem no ápice da “teologia mística”, onde o próprio Deus desvela seus segredos, mas ao mesmo tempo torna tangível a impenetrabilidade do mistério.